

Tentou a mesma empresa Antonio da Silva Caldeira Pimentel (1726-32) declarando que “era de grande utilidade_à sua real fazenda... abrir-se caminho da terra do Rio grande (sic) de S. Pedro da Costa do mar pela qual pudessem passar gados e cavalgaduras”.

Porém, quem começou, de fato, a abertura foi Fr. De Souza Faria, tendo recebido regimento para a construção em 19 de setembro de 1727 e sendo nomeado no dia seguinte “sargento-mor das vizinhanças do Rio Grande de São Pedro e seus sertões”.

Em 1732, Cristovam Pereira, subia daqui para S. Paulo com uma tropa de 800 cabeças, havendo por esta ocasião retificado grandes trechos da estrada no que gastou 3 meses e tudo á sua custa, deixando o caminho “com estivas, canoas em rios e mais trezentas pontes”.

Em 1738 o mesmo Cristovam Pereira ligava esta estrada com Viamão.

Lê-se nas memórias do Visconde de São Leopoldo que mais ou menos por volta de 1820, mandou fazer em Pinheiro Torto “para proteger os tropeiros quem iam daqui para São Paulo” um forte, e nota que a estrada passava pelo Campo do Meio_o qual como diz o nome, ficava “entre o Mato Castelhana e o Mato Português”.

Logo, não muito longe de nós.

Pois bem, depois de esclarecidas estas circunstâncias de certa importância, vamos dar algumas notas sobre os povoados que nesta parte do Rio Grande se formaram em torno de nós.

Em 1822 pertencíamos a Rio Pardo. Em 1833 pertencíamos a Cruz Alta e desde 1857 a Passo Fundo, do qual nós já fomos o 3.º, 7.º e 8.º distrito.

Cruz Alta começou a existir em 4 de julho de 1821, quando os poucos habitantes pediram ao Cel. Antonio José da Silva Raulete, comandante geral das Missões orientais, “meia légua em quadrado para o povoado”.

O que mais interessa a nós é Passo Fundo, logicamente.

Conta o cônego Gay em sua **História Jesuítica do Paraguay**, que por ocasião da invasão das Missões por Frutuoso Rivera (1828) o administrador geral dos povos, ten. cel. Manoel da Silva Pereira do lago foi ter a Passo Fundo com algumas famílias.

Datam daí, mais ou menos, as origens da nossa terra-mãe.

Sabemos que durante a Revolução Farroupilha, Passo Fundo era um povoado que, como na guerra do Paraguay, deu forças para as diversas causas. Walter Spalding diz que “no dia 5 de janeiro de 1841 os farroupilhas instalaram-se no Passo Fundo, onde estabelecem passageiramente o seu quartel general sem a menor dificuldade, por ter Pedro Labatut, contra as ordens de João Paulo dos Santos Barreto, descido da Serra”.

Em outra obra do já citado cônego Gay encontra-se o seguinte tópico: “A primeira brigada, que comandava o sr. Cel. Fernandes, compunha-se naquela ocasião (1865), dos seguintes corpos provisórios: Ns. 10, 11, 22 e 23, e do **5º corpo provisório de Passo Fundo**.”

Falando em “corpo provisório de Passo Fundo” dá a entender que era gente da terra, como soem ser feitos os corpos provisórios, o que equivale a dizer que, por esta data, a população de Passo Fundo deveria ser regular, e conseqüentemente, talvez alguma família estabelecida nas nossas proximidades. Quanto a **Palmeira**, outra localidade vizinha, conta o sr. Walter Spalding, em sua obra **A Revolução Farroupilha** que, “a 12 de dezembro de 1842, na estrada da **Palmeira**, próximo a Passo Fundo é preso pelas forças legais o coronel Rafael Tobias de Aguiar. Logo, por esta época também existia Palmeira.

Evidentemente, pois, com toda esta gente em nosso redor, é de se poder julgar que na primeira metade do século XIX bem poderá alguém ter passado pelo nosso solo.

3. Conseqüências da Revolução de 93

Não resta a menor dúvida de que a revolução de 93, com suas barbaridades, muito contribuiu para a maior penetração de gente branca nas terras de José Bonifácio. Referiram-nos os mais antigos moradores do extinto povoado do Campoerê, entre os quais o já falecido Lopes Santana, bem como os Veber do Lageado Liso e os Fagundes do Rio Erechim, que eram numerosíssimas as famílias que se retiravam, por ocasião das tropelias de 93, de Lagoa Vermelha, Passo Fundo, Vacaria, Cruz Alta e Soledade, metendo-se pelos matos adentro a fim de fugir às perseguições e à morte. Muitas destas

famílias, aproveitando os caminhos primitivos que, pelo sertão adentro, condiziam até cá, ou, então vindos pelos campos de Nonohay, Serrinha e Erechim, vieram se estabelecer aqui. Foi assim que se avolumou a população do povoado do Campo Capoeirê; que se fez a penetração no Campo de Erechim, nas campinas da barra do Lageado Liso com o Erechim; e se estabeleceram mais moradores entre Passo Goyo-En e o hodierno Herval Grande, na zona que hoje tem o nome de Fachinal dos "Boaba".

Devemos, porém, frisar que além da revolução de 93, também contribuiu para maior povoamento desta terra, se bem que em escala bem inferior, o fato de possuímos bons hervaís, os quais, naturalmente e pela facilidade com que eram explorados convidavam não poucos trabalhadores a fazerem por aqui suas moradas.

Isso, todavia, não desdirá nunca que o principal fator da primeira imigração para cá não tenha sido a revolução de 93.

Para se ter uma idéia mais ou menos aproximada do que era a revolução de 93 em Passo Fundo e seus arredores, das suas barbaridades e do natural forte instinto de conservação da vida que despeitava obrigando a vir para o mato quantos pudessem, vamos transcrever para aqui uma parte dum folheto de Prestes Guimarães, um dos "bravos e grandes patriotas riograndenses" como lhe chamou almirante Custódio de Mello. Eis as suas palavras: "As prisões, assassinatos, violências abaixo transcritos são só os que tiveram lugar em Passo Fundo e logo após a Convenção de Bagé e, portanto, antes da invasão do R. Grande pelos federalistas.

Um jovem republicano que assinara as atas de 26 e 27 de junho na sala da câmara, em Passo Fundo, genro do Dr. Candido Lopes e irmão de Gervásio, Gasparino Lucas Annes, indignado com o procedimento desleal dos seus companheiros, e não podendo conseguir deles respeito e observância do patuado em as ditas atas, que outra cousa não era senão paz e concórdia, resistindo nobremente ao engodo de mil seduções, resolveu emigrar com a sua família para outro município, o que levou a efeito sem demora, não manchando-se dest'arte nos lamentáveis excessos, postos em prática condenável por seu irmão e sequazes.

Gasparino, apesar de moço, ou talvez por isso, foi o Noé salvo na barca de sua consciência impoluta, do dilúvio dos males que o despotismo em desvario, fez chover por mais de 40 dias sobre a região serrana, especialmente sobre Passo Fundo, terra clássica do liberalismo em todos os tempos no Rio Grande, bem como Soledade e Palmeira. Os atentados contra a propriedade foram mais numerosos na Palmeira que na Soledade, dando-se nesta, porem, maior número de assassinatos, com circunstâncias agravantes. Gasparino subiu no conceito de homens de bem, cumprindo o pacto constante das atas. Os mais rasgando-o não só desceram neste conceito, como foram os autores das hecatombes humanas, que sofreu o lugar, um verdadeiro martirólogo.

"Fecharemos - continua Prestes - estas ligeira pinceladas históricas com duas revelações nominais, incompletas, uma, das prisões arbitradas, extorsões por que passaram em Passo Fundo, muitos cidadãos, outra dos assassinatos mais notórios e incontestados. Não temos dados seguros para fazer a crônica, medonhamente rubra, da Cruz Alta. Talvez mais tarde possamos cumprir esta ingrata tarefa.

Prisões arbitradas e extorsões: do Capitão Fidêncio Gonçalves do Nascimento, do Capitão Vicente Braz Ferreira Martins, do Tte. Cel. Antonio Ribeiro de Santana Vargas; os quais foram presos e roubados; Antonio Francisco de Melo, Roubado e apesar de ancião, posto em quatro estacas; .. (segue a lista com outros nomes de indivíduos que foram presos e amarrados em cordas e conduzidos "em magro sendeiro".) Antonio da Silva Loureiro, preso num açougue e a quem roubaram mais de 500 rezes.

E continua: "Ao mesmo tempo cometiam assassinatos horripilanes, com requintes da malvadez para roubar ou não, pessoas do povo que a mashorca gervasiana não podia contar com elas; a saber: 1º Virgílio Bueno; 2º Jorge Bueno - irmãos mortos; 3º Eugênio Bueno - na serra do Taquary; 4º Pedro Bueno; 5º João Prestes, conhecido por Cangica; 6º Sebastião Lopes - tirado atado do lar da família, e depois degolado; 7º Juvêncio Lopes, irmão do precedente, conduzido em cordas da casa de Lourenço M. de Barros, depois degolado; 8º O negro Clemente - escapou ferido, e buscando asilo em casa de Frederico Bento foi por este entregue a seus verdugos e logo ferozmente degolado; 9º Estevam Korçak, polaco, casado, negociante. Morto a traição no Carazinho, e horivelmente mutilado; 10º

Salvador de tal,... atado, conduzido a lugar ermo no campo, e aí degolado... 11º Carlos Vicente Braz Ferreira Martins... arrancado dos braços da família, em Carazinho, morto na estrada a tiros e seu cadáver mutilado. E muitos e muitos outros. Seria longa e dolorosa, ainda mais dolorosa, uma relação mais circunstanciada e exata. Basta!..."

Além deste pedacinho da relação de Prestes, temos uma carta do D. Cláudio José Ponce de Leon, então bispo do Rio G. do Sul ao Marquez de Tamandaré, onde como membro da Cruz Vermelha pedia urgentes medidas para acabar com as barbaridades da revolução. Destacamos os seguintes tópicos... "a mortandade dos homens válidos tem sido considerável... pelos atos de barbaridade e inaudita ferocidade... Si continuarmos desta sorte, sem lei, sem garantia alguma para a vida... para as propriedades, entregues a déspotas rancorosos, às feras desesperadas, ficará o Rio Grande completamente aniquilado. Tem-se chegado a amarrar na estaca o pai, e feito despir a filha e neta para violá-las diante de seus olhos."...

Pelas descrições que acabamos de relatar é bem fácil ajuizar do estado de susto e de terror em que se deveria encontrar permanentemente toda a população da região serrana. Em tais condições nada mais certo do que calcular o número de famílias que deveriam se internar pelas matas quase selvagens e ínvias do nosso município.

Será um dos belos trabalhos a fazer, relatar um dia as famílias vindas desta forma para as nossas bandas.

4. Nós e a Revolução de 93

Atendendo ao pedido da bela inteligência do meu caro amigo Aldo Castro e, roubando um quarto de hora daqui e outro dali, quero hoje dar à publicidade um pedacinho da nossa história do tempo da revolução de 93. Antes, porém, quero dizer que o Sr. Aldo Castro, poderá muito melhor do que eu escrever algo desse pedaço do Rio Grande, que nos é tão caro, porquanto nem lhe faltam dados (coligidos em seus apreciados arquivos com uma paciência beneditina) e por contar entre seus maiores (como me afirmou um amigo comum) a bela figura de Evaristo Afonso de Castro, autor da "Notícia Descritiva da Região Missioneira", onde, por certo, deve de haver muita coisa a respeito. Fica, pois aqui um apelo para que quem muito bem pode ser meu mestre nesse caminho, saia do silêncio e nos auxilie nesta tarefa muito asseguradamente bela.

Dito disto, vamos à história. E vai falar um documento interessante.

Trata-se duma justificação que requereu no juízo de Passo Fundo o Sr. João Barbosa de Albuquerque e Silva, em fins de 1893, afim de obter a indenização de 15:810\$700 pelos danos causados pelas tropas revolucionárias e governamentais em suas posses. Digamos antes que João Barbosa de Albuquerque e Silva, é o pai do nosso muito caro amigo e digníssimo sub-prefeito de Paulo Bento, o Sr. Raul Barbosa. Viera ele de São Paulo e se estabelecera no Campo de Erechim, em 1872, onde por seu trabalho e inteligência, possuía em 1893 um capital acima de 30:000\$000; naqueles tempos, mui de seguro uma vultosa soma. Moravam em seu campo acima de 800 cabeças de gado vacum e mais de 250 de cavalos. – Pois bem. Deu em sua justificação o Sr. João Barbosa de A. e Silva – "... que teve durante o referido mês (maio de 1893), aviso por parte das Autoridades Federais e Estaduais, de se retirar do município, ou de acautelar-se contra qualquer assalto a mão armada oriunda de forças revolucionárias ou de qualquer outra. Que por outro lado durante o referido mês e nem mesmo nos anteriores – nesta cidade (de Passo Fundo) teve guarnição armada capaz de repetir qualquer ataque de revolucionários e de garantir a ordem e a propriedade dos seus habitantes tanto da cidade como do seu Município. (Nota: Deve-se recordar que então José Bonifácio fazia parte do 3º distrito de Passo Fundo, e chamava-se Alto Uruguai. Criado em 1858, compreendia parte de Palmeira e tinha a sua sede em Nonohay).

... Que é assim, (continua o documento) que achava-se esta Cidade e Município, quando na manhã de 31 de maio deste ano, foi o município invadido por uma força revolucionária superior a mil homens capitaneados pelos Chefes, Tte. Cel. Amâncio de Oliveira Cardoso, Cap. Elizandro Ferreira Prestes, Major Estanislau de Barros Miranda, João Carlos Schwartz (nota: este era conhecido também por João do Engenho), Juvêncio Faria, Sebastião Pires – no dia 3 de junho último, com 20 e tantos

homens armados com o fim de reunir mais gente naquele lugar e aí chegados acamparam-se em Campos de criação do justificante, no lugar denominado Erechim, e no dia 5 do referido mês, às 6 horas da manhã chegados à casa do justificante ahy penetraram, arrombaram as portas e saquearam os gêneros do seu comercio, trens de casa, que consigo levaram e parte destes, como sejam fazendas.

Prenderam os índios quase domesticados que estacionavam naquele lugar e imediações – o que, assim procediam no intuito de aliciar aos Índios para os fins revolucionários. Como sendo o acampamento dentro dos campos de criação do justificante, então conseguiu Schwartz reunir para mais de 180 homens que ali se conservaram até perto de fins de junho estragando e destruindo tudo quanto encontravam, como sejam: casas, animais bravos e mansos, gados e porcos; a gente que da casa podiam prender hia para o castigo e degola: eis a razão porque o justificante retirou-se fugando, e que milagrosamente escapou-se com sua família da dureza do castigo deixando todos os seus bens até hoje em completo abandono e procurando abrigo aqui na cidade; e os assaltantes até hoje andam em grupos nas matas beira-campo do justificante, e as forças legais acampadas constantemente no dito campo – tudo isso já há 3 meses, pouco mais ou menos, e nunca em número menor de 100 homens, pois que as primeiras forças que bateram o acampamento de Schwartz, foram as do Major José Claro de Oliveira, Capm. Manoel Bento de Souza, e Capm. Paz de Cruz-Alta, e logo após estas lá estiveram as forças dos Capitães Alypio Ferreira Leão, Francisco Lopes de Oliveira e as de Manoel Bento de Souza; até hoje se conserva em avultado número ali porque mesmo sendo o campo entre meio do Sertão e sem comunicação com outro campo de criação, e sendo ele o principal e único recurso das forças ali e que só dali a uma légua pouco mais ou menos de matas sahe-se nos Campos ou na Fazenda dos Quatro Irmãos que faz parte deste mesmo campo – importando os prejuízos causados pelos assaltantes na quantia de 15:810\$700, fora lucros sessantes”.

Como se depreende dos termos do citado documento, é bem patente que foi o campo de Erechim, dentro do nosso município, vasto teatro dos feitos de 93.

Para maior documentação, damos a seguir parte do texto de uma carta que sobre estas mesmas ocorrências aos Campos do Bravo João Barbosa, em Campo Erechim, escreveu alguém para um amigo de Passo Fundo na época de terror.

“...No dia 4 deu-se o combate e no dia 5 eu andava em viagem do Erechim (Campo Erechim) ao Rio Passo Fundo, afim de receber uma eguada que comprei a seu conselho, e neste dia chegou lá o João do Engenho, reunindo gente, cavalos, armamentos, etc. E não me achando já carneou umas rezes, e reuniu gente e foi a Capoeirê (nota: é o nosso Capoeirê-Velho, que não existe mais) onde prendeu o velho Jorge Pessoa, um filho, Vitorino Fonha, e no Erechim prendeu o Maneco Castelhana e era para prender todos os republicanos que achasse e atados degolava depois dar-lhes as maiores torturas e sofrimentos, como prisão em duas estacas, etc. De tudo isto, escapei-me pelo milagre de Deus, pq si me pegam me faziam o mesmo. Em casa roubarão e prenderam o Paolino, que escapou-se e roubaram a Fazenda que ele comprou para negociar, 3 vezes arrombaram a casa e saquearam tudo que havia até o chapéu que você me trouxe, roupas, açúcar, café vinhos e doces. Tudo isto quando foram batidos, ainda o José Claro achou no acampamento do Taboão que eles levaram pouco antes de serem atropelados dali, e levaram de 2, 3 e 5 reses p. dia pa. os Bugres também. Mulas que estavam nas mãos do domador levaram também. Sal e porcos, tudo levaram. Gatos mataram e puseram no nosso quarto de dormir, tudo picado bem miudo. Os cavalos da Eliza e o petiço do Raul (nota: é o nosso amigo muito distinto, Raul Barbosa) todos se foram como outros também. Enfim que hoje faz mais de mês que sahy de lá pq. No meio deste barulho eu estava nos Quatro Irmãos em lida com a eguada e de lá fui buscar a Eliza e filhos e tudo tirei em animais viajados. Viemos no Posto onde estava o Veríssimo com a mulher; logo aparece o Maneco Bento e Rodolphino que iam bater os homens, e reconhecido que eram em grande número reclamaram muita gente e pelo conselho de Maneco Bento viemos á Fazenda dos Q. Irmãos, e da Fazenda ao Buthiá em casa do Juca Rodrigues e dali viemos aqui onde já vai a 15 dias que estou. Pois em todo este mês não tive tempo de saber nada mais de nossa casa, cortou-se todas relações, ninguém mais pode andar só pq. corre perigo pq. há grande número de gente extraviada e corrida, roubando e saqueando que é um fim do mundo. Depois da derrota dos federais aqui, o João do Engenho se conservou dias no Erechim (nota: Campo do Erechim) e parecia que sustentava fogo, e nada sustentou porque correu sem vergonha p. o mato com toda a gente que foi um

extravio sem qualificativo. Os homens que eles tinham presos foram degolados na hora da fuga. José Claro achou alguns estrebuchando ainda. O Degolador foi o Nico Ruivo, genro do velho Ângelo. Entrou muitas forças p. Erechim e Capoeirê; até que uma com outras se encontraram e pensaram que eram inimigos e houve o tiroteio, onde saiu baleado com dois ferimentos o Maneco Bento, mas já está fora de perigo. Não preciso dizer que segue-se as perseguições e mortos sem fim. Morre gente que já ninguém faz caso de ver gente sem sepultura, que há por toda parte, nos matos e nas sangas".

São pedaços estes que não precisam de comentários.

5. Boa Vista do Erechim, Erechim ou Goio-xim? (1 – publicado em 19/02/1943))

Ocorrendo neste ano (pois coincide agora) o quinquênio em que as comissões de Geografia receberam sugestões para modificações dos nomes topográficos das regiões brasileiras e sabedores da justa insistência com que, especialmente o nosso comércio, quer voltar ao primitivo nome de Boa Vista do Erechim, resolvemos por em movimento os nossos repórteres para auscultar a opinião dos mais entendidos sobre a matéria, e, assim, ajudar a dar a saída à incômoda situação em que nos encontramos: de termos a cidade com o nome de José Bonifácio e a estação ferroviária com o antigo nome de Boa Vista do Erechim.

Procuramos por isso o p. Benjamim Busato, presidente do Grêmio Bonifaciense de Letras que, de uns tempos a esta parte, dedica especial carinho às coisas históricas de nossa terra.

Encontramo-lo em seu gabinete de estudo, rodeado dos quase dois milheiros de volumes que constituem a sua rica biblioteca, e de onde sobressaem mais de 500 referentes à história da Pátria.

Abordado sobre a missão que nos levava até aquele recinto de estudo, para logo nos foi fazendo esta observação:

- É sobremodo lastimável – nos disse – como se esteja, em nossa terra, guaranizando as toponímias, quando, precisamente, deveríamos nós cainganguizá-las. – E, batendo-nos no ombro, acrescentou: não se assuste com o “cainganguizar”; “caingang” que é o nome da nação aborígine que habita, faz centenas de anos a nossa terra. Deve saber que esta nação deixou raros vestígios toponímicos no Brasil. Os poucos que sobraram, estão por aqui. Ainda se conservam: Capoeirê, Erebangó, Nonoai, Xanxerê, Chapecó, Chopin. Morreram quase: Erechim, Goio-en; e morto é o antigo nome do Uruguai: Goio-chim, e Goio-covó (Iguassú). – é bem entristecedora esta destruição.

Ninguém sabe com que amor e com estudo davam os indígenas as denominações toponímicas. Quando guardadas com zelo, ainda hoje, são ótimos elementos históricos. Ivo d'Evreux, em sua obra “viagem ao norte do Brasil nos anos de 1613 e 1614”, nos diz que “eram os indígenas muito sábios na formação dos nomes locais que deviam designar os característicos físicos da causa nomeada, reunindo-se, para isso, em assembléias noturnas de que participavam os maiores da tribo, e que, tais nomes só eram aceitos após demorada deliberação. “E. F. Martins dos Santos acrescentou: “Sabendo-se da importância que os indígenas brasileiros davam ao problema da denominação da terra, denominação que seria o seu roteiro natural, o seu guia geográfico, uma vez que não conheciam a astronomia e não usavam estradas, temos nós, preliminarmente, a obrigação restrita de procurar esse sentido geográfico de quase todos os vocábulos deixados”. E o nosso entrevistado, puxando da História do Brasil de Rocha Pombo, exemplificou como o rumo das migrações indígenas através da América encontra um dado precioso nos nomes Paraná, Paranaguá e Parapanema, e onde o erudito historiador diz que deveria primeiro ser conhecido dos índios do rio Paraná, para, depois poderem ter citado as outras duas variantes do Paraná. – Veja aqui, nos disse a seguir o p. Benjamim abrindo-nos a nova carta geográfica municipal organizada pela Prefeitura local – arroios Abarê, Quicepecum, Iгурé, Apuaê, etc. Tudo isso é guarani, quando é bem possível que os guaranis pouco tivessem andado por aqui, como se pode concluir das obras de Gabriel Soares, Montoya, e outros. Nos tempos das bandeiras já aqui não havia guaranis. Eram tapuias os que andavam por estas bandas.

6. Boa Vista do Erechim, Erechim ou Goio-xim? (2 – publicado em 24/02/1943)

Há necessidade, imposta pela própria história, de revisar quanto antes essa toponímia, para salvar a pré-história de nossa terra. Sendo este o único recanto do Estado onde possuímos municípios com nomes caingangs – Erechim e Boa Vista do Erechim e, portanto, onde ainda se recordava essa

Passando a falar dos Caaguas diz A. Porto: "Os caaguas que parecem ser os últimos representantes do povo autóctone da região... se podem classificar como o **tronco originário dos depois chamados Coroados** da região serrana. Os tupis designavam-nos por **Irayti-inhacame**, que significa "cera na cabeça". Faziam largas coroas e cobriam-nas de cera". (Anotamos aqui o que sobre as coroas disse von Ihering - **Anuário RGS, 1895** - "no tempo de Hesel, os coroados já tinham abandonado a tonsura, mas ainda tonsuravam os meninos). Acerca da língua destes índios diz Hervas (**Catálogo de las lenguas de las naciones conocidas**, 1800, Madrid). "Os caiaguás usam língua própria, difícil de entender, pois quando pronunciam suas palavras não parecem falar, se não dar assobios, ou formam acentos confusos na garganta". É exatamente o que ainda hoje acontece com a língua dos caingangs - uma nasalização e uma guturalização impossíveis de se conceber. A mesma palavra, com sons de nuança pouco diversa, significa logo outra cousa.

Ainda, e fundados sobre esta denominação de caaguas, poderíamos fazer qualquer outro argumento para dizer que caagua seria o mesmo que caingangs. Acima, na referência de Hervas, vimos o termo **caagua** passar para **caaiaguá**. Romário Martins registra **caiguás**. J. A. Ambrossetti escreve **Caingua**. Daí para Caingang não há nada; devendo-se ainda tomar em conta que em guarani **caà** é mato e **guà** (corrupção de **guanà**) - gente e que a palavra **caingang** pode ser derivada (segundo R. M. Guérios) de dois elementos caingang: 1º **Ka**, árvore, pau, mato e 2º **ingang**, homem. Segundo Baldasúa, vem de **Ka-a**, bosque e **iog**, falar (falar é de gente) que daria no mesmo, sempre "gente do mato". Assim que **caaguà** e **caingang** seriam, etimologicamente, a mesma cousa e por conseguinte significariam a mesma nação.

Chegados a esta altura, podemos concluir que os caingangs (coroados ou caaguas, valem o mesmo) são habitantes mais velhos de nossas paragens. Há mesmo quem diga (A. Porto) ter sido aqui a sua morada mais antiga. Ora, estes selvagens, que habitaram o **interland brasileiro**, em parte alguma deixaram vestígios de sua passagem, através da toponímia nacional, salvo dois ou três nomes em S. Catarina. E é, pois, por se tratar de uma raça indígena tão importante em sua resistência existencial, através dos séculos e, mais: por haver possibilidade de ter tido seu berço original neste recanto do Estado, que lutamos no sentido de uma reconsideração do ato do Conselho Regional de Geografia que nos impôs José Bonifácio e para voltarmos ao antigo e doce nome de Boa Vista do Erechim.

Pedimos justiça para aqueles bravos que primeiro povoaram esta terra. Queremos que, com o retorno do nome antigo, se redescubra os heróis de nossas matas e para que com o nome de Erechim as gerações futuras ainda recordem a nobre raça que há mais de 500 anos, pisou e pisa nossos chãos.

12. A morte de Antonio Ferreira Prestes Guimarães Filho (publicado em 07/4/1943)

Era filho do grande Prestes Guimarães que foi governador do Estado desde julho de 1899 até a época da proclamação da República. Seu pai, quando ainda coronel, fugira de Sto. Tomé, onde estava emigrando, em 14 de fevereiro de 1893 e, junto com mais 4 companheiros decididos federalistas, viera até Passo Fundo, onde por sua popularidade, seria um dos grandes líderes da revolução.

Em Taboão, na nossa terra, havia-se travado uma luta entre governistas e federalistas. Manéco Bento batera com sua gente aos últimos, e estes tiveram que fugir. Entre os fugitivos contavam-se: o jovem Antônio Ferreira Prestes Guimarães, que podia ter quanto muito 17 anos, e mais: Juvêncio Faria, João Schwartz (por alcunha João do Engenho), José Bonifácio da Rosa e Quintino Lamacchio. Vindos pelo Toldo, subiram até a Campina dos Assunção (nos fundos do atual cemitério municipal) e fizeram pouso em Bela Vista. Vinha uma porção de companheiros com eles. Em Bela Vista, que era uma clareira nos matos que então havia nesta cidade, e que ficava nas proximidades de onde foi antigo Hotel do finado Albano Stumpf, comeram alguma coisa, porquanto havia uma lavoura de milho logo nas cabeceiras do Dourado. Em seguida, por uma picada que descia o Dourado abaixo, em que só se podia caminhar a pé, com mil sacrifícios, se transportaram até quase a afluência do Dourado com o Uruguai. Aí, a toda pressa, trataram de arranjar umas canoas para descer o rio Uruguai abaixo afim de alcançar as terras do município da Palmeira. O pobre Antônio Prestes Filho, moço criado com conforto, esperava com os pés inchados a hora do embarque para distanciar-se do inimigo. Mas, eis que, de repente, um piquete de governistas, ao mando de Simplício Vaz, aponta no meio da mataria. Espantados, os fugitivos tratam de se embarcar nas pirogas, o que, na maioria, consegue. Fogem todos

e só ficam – pela impossibilidade de embarcar com tanta pressa – o jovem Antonio e o dedicado companheiro que não o quer deixar só: Juvêncio Faria. A gente de Simplício, vendo fugidos os demais, cai em cima dos dois infelizes. A tiros de fuzil prostraram-nos mortos no chão. E assim cai por terra, em terras do Erechim, vítima da revolução, morto, o filho do grande Antonio Ferreira Prestes Guimarães. Seus ossos bem como os de seu companheiro desafortunado descansam, até hoje, em nossa terra, poucos centenares de metros acima da barra do Dourado com o Uruguai.

Nota: - Pelos informes que conhecemos, é curioso notar-se, como ao tempo da Revolução de 93, a gente de Capo-Erê Velho era em sua maioria governistas. Por isso os fugitivos que acima descrevemos, não pararam de naquela localidade, hoje completamente extinta, e que já foi, criada em data de 21 de outubro de 1902 sede do 8º Distrito de Passo Fundo, com uma praça chamada República e com três ruas denominadas, respectivamente, do Comércio, de Mal. Deodoro e de S. Pedro. Como dados interessantes damos o rol dos primeiros moradores deste Povoado, e que o habitavam desde, pelo menos, 1890. São eles: Isaac Barbosa, natural do Paraná, e que dizem ter chegado em Capoeirê por volta de 1868, morto em 1917. Marcos Brum de Camargo, José Lopes de Santana, Manoel Joaquim dos Anjos, Jerônimo dos Santos Camargo, vindo de Butiá Grande, de Passo Fundo, Rodolfo Cândido de Jesus, Francisco de Moreira do Nascimento (Vulgo Francisco Domiciano), Vicente Rodrigues dos Santos (Vulgo, o Vicentão), capitão na revolução de 93, e morto pelos governistas, à traição, por ocasião de um baile no povoado, e João Soares, pai do Cap. Jango Soares, que foi morador nas Derrubadas. Morava também no povoado do Capoeirê-Velho, um tal Gringo Vicente os quais ambos tinham bodega. Manéco Bento morava então nas cabeceiras do Rio Cravo, próximo de onde hoje está a estação Capoeirê.

13. Achêgas para a História de José Bonifácio

13.1. Capão da Mortandade

(Ao sr. Horácio Melo)

Para muita gente a história de José Bonifácio só começa aí por 1900. Entretanto, ela tem suas raízes nos começos do século passado. E para prova disso trazemos para as colunas deste jornal o relato da chacina que teve lugar no **Capão do Mortandade**. Este capão é hoje conhecido por Capão do Herval e fica a poucos quilômetros a oeste de Quatro Irmãos, dentro, por conseguinte, do nosso atual Município.

O fato o colhemos em seus detalhes da boca do venerado patricio sr. Horácio Melo e por narração do sr. Raul Barbosa, íntegro sub-prefeito de Paulo Bento, verdadeiro escrínio da nossa antiguidade.

Antonio de Melo Rego, avô do sr. Horácio Melo, viera moço de S. Paulo, junto com seu pai, e fora se estabelecer no que mais tarde se deveria chamar **Rincão dos Melos**, no município de Vila Rica, hoje, Julio de Castilhos. Homem afeito a grandes caminhadas pelos sertões, breve deveria se encontrar em Caçapava, onde iria se casar com uma jovem da distinta família dos Marques. Isso por volta de 1820. Pouco depois, em viagens pela serra, interessou-se pela erva mate, que, naquela época se negociava muito em Rio Pardo. E conheceu então as campinas da porção de nossa terra que chamaria depois Quatro Irmãos onde abundava a conhecida ilicinea. Requereu e obteve do governo provincial a posse da mencionada região, e, embora morando ainda em Vila Rica, tinha nos Quatro Irmãos feito um estabelecimento para colheita de erva. Havia então muito índio caingang nestas paragens, mas como relativamente manso, era empregado nos misteres da fazenda. Sempre, todavia, recordava seu antigo domínio absoluto desta zona e daí a origem, não muito rara, de vingança contra os intrusos. Por muito tempo caminhavam os trabalhos de Antônio de Melo Rego sem novidade. Nem por sonho passava pela mente do bravo paulista o que dentro em pouco havia de acontecer em sua fazenda.

Antônio já tinha diversos filhos, alguns desenvolvidos.

Devia de ser o tempo da revolução farroupilha, visto com segundo relato de família do sr. Raul Barbosa, se encontravam na fazenda também alguns foragidos da revolução.

O sr. Antônio trabalhava em uma sua casa, que ficava, mais ou menos, onde agora está o povoado dos Quatro Irmãos, e a indiada, junto com os peões ajustados e os filhos, estavam no Capão